

**A VIDA É BREVE, ENCURTA A LONGA ESPERANÇA:  
O PROBLEMA DO SIGNIFICADO DA VIDA EM XENOFONTE<sup>2</sup>**

J. A Colen  
Centro de Ética Política e Sociedade  
Universidade do Minho  
orcid.org/0000-0003-0270-7416

Os “instintos” do sangue (esses tenebrosos demónios que nos perturbam) dizem-nos que temos de nos agarrar à vida, a esta vida aqui e agora. A vida feliz, ou contente, diz uma das *Odes* de Horácio, um poeta romano, consiste precisamente em gozar o presente e não nos preocuparmos com o futuro que não sabemos se chegará para nós. Horácio diz que deve até desistir completamente de procurar saber “que fim a nós os dois os deuses destinaram”, aconselhando Leucónoe, a menina dos pensamentos ingénuos:

Não consultes sequer os números babilónicos:  
melhor é aceitar! E venha o que vier!  
Quer Júpiter te dê inda muitos Invernos,  
quer este seja o derradeiro  
que ora desfaz nos rochedos hostis  
as ondas do mar Tirreno,  
vive com sensatez destilando o teu vinho e,  
como a vida é breve,  
encurta a longa esperança.

Seria “ímpio” tentar adivinhar o que o destino ocultou e até parar para pensar, pois “de inveja o tempo voa enquanto nós falamos”. O que se impõe é “colher o dia, o dia de hoje, que nunca o de amanhã merece confiança.”

Como não sabemos se teremos muitos invernos ou se não teremos, devemos sim espremer cada dia de vida, como um limão. Viver no presente, não sonhar com grandes feitos, pois todas as glórias são ilusórias. *Carpe diem!* A injunção que exprime esta “filosofia” significa literalmente “arranca o dia”, como quem arranca uma flor do jardim.

---

<sup>2</sup> “A vida é Breve, Encurta a Longa Esperança”. In Gonçalo Silva, António Morais e Miguel Oliveira, ed. *Da Inquietação Filosófica. Conversas sobre Questões de Vida ou de Morte*. Carcavelos: Editorial Aster, 2022, pp. 23-31.

ISBN 978-989-8586-20-9

Esta é ainda a injunção de muitos outros ao longo dos séculos, como nos recorda Robert Frost, um poeta americano compôs um longo poema com esse mesmo título. Diz ele: “Sê feliz, feliz, feliz, e aproveita o dia de prazer”. Mas, comenta, dizer aos jovens que “agarrem o momento” é como dizer a uma criança que pare e aprecie a sua alegria e o seu riso quando brinca. Não precisamos de fazer uma fotografia da alegria de cada instante para uso futuro (como um turista japonês que passa mais tempo a ver a câmara que a admirar as coisas que o rodeiam). Que sentido faz “pedir que a vida se apodere do presente?” e lamenta:

Vive menos no presente  
que no futuro sempre,  
e menos nos dois juntos  
do que no passado.

Porque o presente é demasiado povoado de impressões e preocupações, demasiado conturbado: “O presente é demais para os sentidos, sobrelotado, muito confuso”. O presente apresenta demasiadas coisas à nossa imaginação.

Por isso parece às vezes que a vida trivial de contentamento, a vida feliz do momento que passa, da brincadeira e do riso da criança e dos amados, não pode ser uma vida com sentido. E vice-versa: uma vida com sentido dificilmente pode ser uma vida de contentamento. Uma vida “que valeu a pena ser vivida” é uma vida que se passa também (ansiosamente) no futuro e, talvez mais, se passou no passado (só no fim podemos dizer se valeu a pena).

Afinal talvez nem todos estejam de acordo que o que dá sentido à vida é a busca da felicidade.

#### A BUSCA DE SENTIDO

Porque parece que temos de encontrar o sentido da nossa vida ao longo do tempo. Estudamos ou trabalhamos para ganhar dinheiro, para sustentar a família, pelo prestígio (a glória dos antigos; hoje o Nobel, a cátedra, a pequena, mas justa promoção). O problema é que nenhuma dessas ações e atividades se justifica por si própria, são instrumentais: estudamos *porque...*, aprendemos inglês *porque...*. Estes “porques” na verdade são imperativos que indicam desejos, meios que apontam para fins, propósitos. São “imperativos hipotéticos”, diria Immanuel Kant.

Às vezes não estamos completamente conscientes dos fins, deixamos que a rotina, o hoje, comande em piloto automático. Mas, de vez em quando a rotina é perturbada – perturbada pela própria vida, ou pelas questões que esta levanta – e pressentimos que o valor da vida tem uma bitola com a qual se pode medir. Parece que o que consideramos sucessos e fracassos fugazes e passageiros só se entendem em função de um fim, um fim não transitório, capaz de dar sentido à vida “como um todo”.

Às vezes a oportunidade aparece numa bifurcação do caminho. Os gregos contavam a história de Hércules que teve que enfrentar uma decisão assim. Diz uma das versões que nos chegou, que “na altura em que Hércules passava da infância para a adolescência, tempo em que os jovens, porque se tornam independentes, mostram se irão orientar as suas vidas pelo caminho da virtude ou pelo do vício, este procurou um local tranquilo e sentou-se a ponderar por qual dos dois caminhos iria seguir”. E aparecem-lhe duas musas que o seduzem a seguir caminhos opostos.

Uma propõe-lhe seguir o “caminho mais agradável e fácil”, prometendo-lhe que se for sua amiga experimentará todos prazeres e viverá livre de dificuldades. Em vez de pensar em guerras ou sequer nos assuntos do dia-a-dia, a sua única preocupação será decidir qual o alimento ou qual a bebida mais agradável, o que lhe agrada mais ver ou ouvir, cheirar ou tocar, escolher as companhias com quem sente mais prazer e por aí adiante, “sem procurar estes bens à custa de sofrimento ou de trabalho árduo de corpo e de alma, porque outros hão-de fazer o trabalho”. O nome desta musa é “Felicidade” e só os inimigos lhe chamam (injustamente, só para denegrir a sua reputação) pelo nome de Maldade.

A outra musa, que se chama Excelência ou Virtude, promete-lhe quase o oposto, quer dizer, em vez de um caminho agradável e fácil, muitas dificuldades e trabalhos. Ela declara que convive e guia deuses e homens, mas também guia os mais humildes: honra-a ser “colaboradora estimada dos artesãos, guardiã fiel das casas dos senhores, amparo benfazejo dos serviçais, preciosa auxiliar nos sacrifícios durante a paz, firme aliada nos conflitos de guerra, o melhor elo das amizades”.

Até os prazeres da comida e da bebida, ou do sono são “mais gratos” aos que seguem a via do esforço pois o melhor condimento é a fome, o melhor sono nasce do cansaço. A sua promessa é que aqueles que a seguem, no fim da vida se “lembram com prazer do que fizeram no passado e sentem gosto ao realizar as atividades do presente”. Diz ainda a musa: “graças a mim, são queridos aos deuses, estimados pelos amigos e honrados pelas suas pátrias. E, quando o tempo que lhes foi destinado chega ao seu termo, não caem no esquecimento, desonrados; antes, revivem para todo o sempre, na memória, nos hinos que os celebram” (como gostaríamos de ser lembrados!).

Assim, os gregos antigos às vezes pareciam achar que o sucesso ou insucesso pelo qual se media uma vida dependia de uma escolha fundamental. Os trabalhos e dificuldades pessoais seriam menos importantes que a felicidade genuína, que se avalia olhando para trás e para frente. Abrem-se duas grandes vias, mas ao menos na versão de Xenofonte, não se fala de trabalhos miraculosos e heroicos. As más escolhas são as do hedonismo, as boas escolhas são as da excelência humana.

### SIGNIFICADOS E EXPRESSÃO DE SI MESMO

Para os antigos seria, pois, fácil perceber que é mais importante dedicar uma vida a cuidar da família, ou a curar o cancro, ou explorar o espaço que dedicar a vida a tentar comunicar com os espargos (a menos, claro que estes respondam!); perceberiam que buscar a ciência ou levar uma vida de sabedoria é mais nobre que colecionar selos. Não é um problema “moral”: não há nada de mal em colecionar selos (talvez porque a “moralidade” assim concebida é uma peculiar instituição dos modernos).

Se tal nos parece estranho é porque a nossa cultura “pós-moderna” nos diz, severamente, que não há nenhuma atividade que tenha mais valor que outra. Porque há-de ter mais valor a vida de um homem que se dedicou a tentar falar com espargos que um que se dedicou a tentar curar o cancro?

O que importa é, sim, expressar-nos ou realizar-nos e isso pode-se conseguir fazendo o que quer que seja: qualquer coisa pode ser “expressiva”. Como, por exemplo, pintar o cabelo de azul, ou cortá-lo como um índio sioux, fazer uma tatuagem, um piercing no nariz, ou vestir de maneira gótica (claro, é um pouco estranho que a nossa “individualidade” se exprima fazendo o que fazem todos os outros da nossa tribo).

Não negamos que a nossa existência tem significado para outros: família, outros estudantes, réus e vítimas, desconhecidos cujas vidas tocamos (daí o sucesso dos filmes de Natal como o de Frank Capra, *Do céu caiu uma estrela*). Mas se as vidas dos outros também não têm um “nobre” significado, se nada do que fazem é mais importante do que outra coisa qualquer, entramos num processo circular. Pode proporcionar-nos uma sensação “quente” de sentido, mas é ilógico. Até aparentemente irracional (ilógico é menos forte que irracional).

Muitas pessoas, mais talvez entre os estudantes de filosofia que se questionam sobre as “coisas”, querem dar um contributo, aspiram a uma vida com sentido. Mas também nos questionamos quando a vida parece ter-nos apanhado numa teia e sentimos que a nossa vida está desprovida de sentido ou é absurda, como durante a famosa crise dos quarenta em que compramos um carro vermelho, nos despedimos do trabalho monótono ou temos um *affair* (no fundo um relacionamento baseado na traição, um *cliché!*).

O valor da nossa vida, pelo qual nos medimos, aparece ligado à ideia do “sentido da vida”. Podemos ser “niilistas” e pensar que nada realmente conta, nada tem valor, talvez porque dentro de duzentos anos ninguém se lembrará de nós – e mesmo que se lembrem, porque nos há-de isso importar?

Podemos objetar, que a relação entre a duração ou perenidade dos sucessos não é clara. Se não tem valor agora porque terá mais valor por durar duzentos anos? Nada dura para sempre, eventualmente o planeta colapsará (não se deve levar à letra quando alguém diz que é preciso salvar o planeta: este dura há muito e não se importa se não tivermos lugar nele).

A vida é uma paixão inútil. Corremos muito, mas é como se estivéssemos a percorrer um trajeto tortuoso que não leva a lado nenhum (como num laboratório correm nos labirintos os ratos injetados com uma substância qualquer: uma crueldade com os animais!).

Um estudante de filosofia apresentou-se dizendo com seriedade: “Não podemos ter a certeza de que esta chávena de café está aqui. Sou um niilista”. Quando lhe perguntei porque estudava tanto se tudo podia não passar de uma ilusão, e nada tinha sentido, respondeu que era um “niilista pragmático”.

### O ABSURDO

É inevitável questionar-nos sobre a causa dessa ansiedade porque a vida requer energia e cuidados sem fim e estamos continuamente a hierarquizar as coisas segundo a importância ou urgência, mas ao mesmo tempo sentimos que isso é um pouco absurdo.

Algumas pessoas e, nalgumas épocas, sentem essa ansiedade de modo permanente e intenso. São “existencialistas”. Medem a sua vida face à morte ou face ao nada. Esse género específico de ansiedade é uma doença de “intelectuais” (essa instituição francesa) ou de estudantes de filosofia. Com efeito não é um grande exagero dizer que embora não seja uma doença exclusiva dos filósofos, estes revelam mais propensão ao contágio.

O silêncio interior – muito difícil de conseguir, pois hoje estamos sempre ligados a qualquer aparelho – é a condição para perceber porque a nossa vida parece não ter sentido (e talvez fazer alguma coisa a respeito disso, sugere-nos uma voz interior que facilmente silenciámos).

Este sentimento não é falso nem injustificado: vem de uma conspícua discrepância entre as aspirações e a realidade. Às vezes nasce só do sentido do ridículo: “Declara-se o amor pelo telefone e vai para o gravador, recebemos o título de cavaleiro e as calças caem”. Quando nos encontramos numa situação que nos parece absurda, podemos ajustar as aspirações à realidade (optamos pelo “escapismo”), mas algumas vidas parecem permanentemente absurdas, talvez devido a certas ambições, circunstâncias ou relações pessoais que as atravancam constantemente.

Mas a expressão filosófica do absurdo parece ter uma raiz diferente desse hiato inevitável entre o sonho e a realidade; levamo-nos (nós, a nossa vida) a sério e, ao mesmo tempo, sabemos também que tudo pode ser visto imparcialmente como arbitrário.

Alguns filósofos retrataram bem este sentimento. Thomas Nagel, Isaiah Berlin, Max Weber e outros pensadores contemporâneos que acreditam na colisão dos “valores” ou na “fragmentação” do valor, disseram que duas ou mais perspectivas inescapáveis colidem em nós, gerando o sentimento de absurdo: por

um lado estamos inevitavelmente “preocupados com a fama, prazeres, virtudes, triunfo, beleza, justiça, saber, salvação ou mera sobrevivência”.

Por outro lado, sabemos que do ponto de vista do universo nada disso conta. Se nos dedicamos a outros isso apenas multiplica o problema, não o resolve. A vida humana está cheia de esforço, planos, cálculos, sucesso e fracasso, que perseguimos com graus diferentes de energia (quanto tempo levamos a arranjá-los, pentear, perfumar, escolher a roupa, beber café e comer uma baguete, escolher a boina – os mínimos matinais para um francês – e isso é só antes de sair de casa, antes de “a vida” começar!).

Não seria um problema (ou ao menos um problema sentido) se não fôssemos constantemente tentados a olhar para trás (viver mais no passado) ou para a frente (viver mais no futuro) e a reavaliar constantemente esses planos, a energia que gastamos, as circunstâncias, a refletir no processo, a fazer ao menos um cálculo prudencial ou, simplesmente, a desesperar, em função de uma unidade narrativa, com uma estrutura temporal.

O que torna a dúvida inescapável sobre os limites da vida individual também faz inescapável a busca de algo mais vasto, profundo, valioso, que falar com espargos, uma colisão dentro de nós próprios.

#### A IMPOSSIBILIDADE DE SENTIDO

Somos atores e espectadores da nossa vida. Para ser imunes à busca de sentido teríamos de desistir de todos os fins mais vastos, olhar o chão como porcos, não voar como águias. Viver as nossas vidas confusas, “sublunares”, sem nenhum outro horizonte.

O escape último, claro, é o suicídio, mas é muito diferente sonhar com a morte (em teoria) e assistir a uma morte real (na prática). Achar que precisamos de escapar da vida para encontrar sentido pressupõe que a vida é um enigma a resolver, que podemos resgatar com a nobreza da morte. É assim a morte romântica pelo amor impossível, a morte dos japoneses pela honra manchada, a morte do niilista que acha tudo absurdo, a morte “justificada por dor crónica e irreversível”. Todas acompanhadas de um laivo de impiedosa auto-compaixão.

Tal dramatismo resulta do fracasso de perceber a nossa falta de importância cósmica?

Às vezes dão-se razões como: dentro de uns anos nada disto importa, ou então, agora sofremos intensamente (ou estamos empenhados nisto), mas dentro de umas dezenas de anos nada importa. Tudo é passageiro. Na versão negra: ninguém se lembrará (de nós), somos um ponto minúsculo no universo.

A infinita vastidão faz as coisas parecer insignificantes face a essa escala (estas preocupações com a futilidade do que é passageiro pode parecer estranha, pois se nada interessa *agora*, porque é que o facto de interessar *amanhã*, ou dentro de uns anos, de uns séculos, torna algo importante?).

### VIDAS INCOMPLETAS

Outro argumento que confere esse sentido do absurdo é o facto de irmos morrer. A brevidade da vida é parte da razão por que nos parece que esta é uma “paixão inútil”. Tudo aquilo que parece justificar as nossas ações terminará em suspenso no ar. É tudo como “uma elaborada jornada para lugar algum”. Não há sequência. Não há contexto mais vasto, nenhum fim ulterior (que estes argumentos não nos convencem totalmente fica provado porque no meio dessas cogitações, quando nos dói a cabeça tomamos uma aspirina; sentimos a *Angst*, mas somos todos niilistas pragmáticos).

Todas as vidas são incompletas, mas o que seria propriamente uma vida completa? Não faríamos falta se não existíssemos – do ponto de vista do universo – a menos que o nosso destino tenha sido proposto por uma musa ou um deus, como no caso de Hércules, para desempenhar trabalhos famosos. Não fará diferença que deixemos de existir ou que sejamos esquecidos, pois não estaremos cá para saber se alguém se lembra de nós ou não.

Ver a nossa vida do ponto de vista da nossa morte ou do ponto de vista dos que vão viver dentro de duzentos anos, é (apenas isso) uma maneira de a colocar num contexto mais largo: ser membro de um partido, mudar o mundo para melhor, para benefício da vida da família, dos que virão. Transmitir a tocha às gerações futuras. Mas já vimos que fazer depender o sentido da nossa vida da vida dos outros parece um argumento circular: se a nossa vida não tem valor, porque tem a dos outros?

Se quisermos exprimir-nos de outra forma, o todo não interessa. Mas interessa ao menos que nada interessa? Não nos basta, para continuar a viver, que cheguemos a horas à aula para passar e ter boa nota, a promoção, o reconhecimento?

O absurdo, quando não é acompanhado de justificações intelectuais, pode ser uma das coisas mais humanas, um pouco como o riso. É preciso olhar em frente e não para trás ou mesmo de lado. Não há golos a marcar por estar vivo ou desejar algo, mas estamos vivos e desejamos. Ideia que alguns acham deprimente, outros libertadora, mas em qualquer caso choca com a tendência incurável para nos levarmos a sério. Vemo-nos de fora. Estamos sempre a olhar por cima dos ombros para o que fazemos.

### A NECESSIDADE DE SENTIDO

Como quer que seja, parece fazer uma grande diferença na nossa vida saber porque vivemos. Considerar, contra a advertência de Horácio (o poeta romano), não só o número de invernos, mas o fim que o destino nos reserva.

Uma história antiga conta que um sábio interrogou sucessivamente três homens que partiam e cortavam pedra, um trabalho duro.

O primeiro explicava que o fazia porque tinha que ser, estava “preso na vida” e fazia o trabalho próprio de prisioneiros: partir pedra. O segundo fazia o mesmo trabalho duro, mas tinha uma razão para isso: tinha uma família a sustentar e isso ajudava-o a fazer o que fazia. Gostava de trabalhar a pedra. O terceiro, porém, esmerava-se no seu trabalho e terminava as coisas com perfeição (a virtude é a sua recompensa quando se desempenham tarefas suficientemente complexas que envolvem as nossas capacidades – o que John Rawls, o mais famoso filósofo político americano, chamou “o princípio aristotélico”). Tal como o primeiro, estava preso na vida e sabia que havia vidas mais fáceis e tarefas menos duras; tal como o segundo, também ele tinha outros que dependiam dele e do seu suor, mas o que o dava sentido a esse trabalho de partir e de cortar pedra era que sabia que as pedras que cortava e esculpia se destinavam (como as dos outros) a fazer parte da construção de uma catedral destinada a durar séculos.

Uma história análoga se contava de três marinheiros que acordavam num navio, recrutados quando estavam um pouco bêbados numa taberna do porto. O primeiro lamentava-se da sua bebedeira que o levava a estar preso num navio que se dirigia ao desconhecido; o outro sorria com a recompensa prometida caso regressassem (um grande “se” naqueles tempos...), mas o terceiro estava entusiasmado porque daquela bebedeira tinha nascido a oportunidade (que ele sóbrio por medo não escolheria: um argumento a favor do vinho), de fazer parte da grande aventura de ir descobrir um novo continente: as Américas.

O que as duas histórias têm em comum é que quem vislumbra algo para além das teias em que a vida o prendeu e se devota a algo que merece a sua entrega, como o membro de um partido, de uma igreja, vê como importante o seu futuro (apesar da sua própria falta de importância cósmica) e a sua vida é enriquecida com “significados” que existem para além do instante que passa.

“Colhem o dia”, mas não só o dia de hoje (mesmo que o de amanhã não mereça confiança) porque quando olharem para trás verão uma história, fins alcançados ou interrompidos, mas em função de um propósito qualquer.

Seria absurdo negar que muitos foram motivados a fazer coisas que admiramos por esse sentido de importância, ou ambição, desejo de glória, ou de compaixão. E que deram vidas inteiras por essas causas (descobriram o raio-X, mas morreram por causa da exposição aos materiais radioativos).

Pode, é verdade, acontecer que, mesmo assim, estas vidas ricas de sentido não sejam assim tão importantes à escala do globo ou dos séculos, e seja realmente ridículo levarmo-nos tão a sério (o que só nos daria riso se conseguíssemos deixar realmente de nos levar a sério).

Talvez mesmo que a nossa vida não tenha sentido, isso não importe. Não nos preocupamos e cultivamos o nosso jardim, como o Cândido de Voltaire. Reconhecemos o vazio e continuarmos como antes. Somos niilistas pragmáticos. Ou seja, mesmo aqueles que negam que a vida tenha qualquer significado e se



consideram um “átomo” num enorme vazio cósmico, continuam a ir às compras, à escola, ao trabalho, e por aí fora.

#### ÂNSIAS DE TRANSCENDÊNCIA

Mas os homens anseiam por alguma espécie de imortalidade. Este sentimento não é forçosamente um sentimento religioso. Os antigos sonhavam com a glória ou com a descendência que os perpetuaria. O sentido transcendente religioso é peculiar: a vida na terra depende da vida no céu. Como pode a vida futura dar sentido a esta? Parece que se os deuses ou o único Deus dará sentido às nossas vidas (Insha'Allah!), tem que ser de um modo que não entendemos.

O universo é talvez inteligível, mas não para nós. Vemos a vida como vemos uma tapeçaria do avesso: só são visíveis os fios soltos, os pespointos, as imperfeições que insinuam a existência de um desenho do outro lado na tapeçaria. Suspeitamos que haja no reverso um grande e talvez belo desenho, mas não o podemos ver.

Mas esse desenho do universo existe, talvez, do outro lado do tapete e o cosmos parece preenhe de sentido, à espera só de ser decifrado.

#### *Textos citados:*

Albert Camus, *Le Mythe de Sisyphe* (Paris : Gallimard, 1990) [Ed. Or. 1942].

Horácio, *Odes*, 1.11.

Jean-Paul Sartre, *L'Existentialism est un humanisme* (Paris: Éditions Nagel, 1946), [Reed. Paris: Gallimard].

Robert Frost, “Carpe Diem” *Collected Poems* (New York: Henry Holt and Company, 1939), 448.

Thomas Nagel, “The Absurd” *Mortal Questions* (Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1979), 13.

Xenofonte, *Memoráveis*, II. 1.21.